

Comércio ainda sem reação: queda de 6,37% no primeiro bimestre

Os sinais de reativação apontados pelo setor industrial ainda não chegaram ao comércio varejista na região metropolitana de São Paulo, que registrou uma queda de 6,37 nas vendas no primeiro bimestre do ano, em relação a janeiro e fevereiro de 1983, segundo informou, ontem, o presidente da Federação e do Centro do Comércio do Estado de São Paulo, Abram Szajman, ao divulgar os resultados da pesquisa conjuntural efetuada pelas duas entidades.

Na opinião do empresário, "a diferença verificada entre os dados da indústria e do comércio não representa um paradoxo, mas pode ser facilmente explicada pelo esforço concentrado na exportação, em que a indústria assume papel preponderante". Diante disso, ele acha natural que o comércio interno não tenha acompanhado o ritmo do mercado externo, acrescentando que, "se alguma melhoria vier a ocorrer, certamente será numa fase posterior, em consequência da canalização da renda obtida com as exportações".

De acordo com os dados da pesquisa conjuntural do comércio varejista, o ramo dos bens duráveis teve um decréscimo de 6,41% no primeiro bimestre, em comparação com igual período do ano anterior. Isso resultou, principalmente, do "péssimo desempenho" das concessionárias de veículos, cujas vendas caíram 35,39% em relação aos dois primeiros meses de 1983. Os ramos de móveis e decorações e cine-foto-som e ótica tam-

bém apresentaram resultados negativos, com quedas de 17,87 e 0,04%, respectivamente. Já as lojas de departamentos, de utilidades domésticas e de autopeças conseguiram manter seu faturamento acima dos níveis de 1983, respectivamente em 20,39%, 11,44% e 23,23%.

No ramo de semiduráveis (vestuário, tecidos e calçados), o desempenho negativo foi de 1,94%. No dos não-duráveis, as vendas dos supermercados registraram queda de 11,16%, enquanto as farmácias e drogarias tiveram índice positivo de 5,73%. Quanto aos materiais de construção, o setor manteve a tendência de retração dos meses anteriores, com queda de 7,78% em janeiro e fevereiro.

OBSTÁCULOS

Para o presidente da Fecesp, é improvável que o reaquecimento verificado na indústria seja concretizado de forma satisfatória, em razão dos obstáculos impostos pela política econômica restritiva dos últimos anos.

"Foram acionados mecanismos inibidores do mercado interno — afirmou — reduzindo o poder de compra e os investimentos, pela política salarial austera, política tributária voraz e política monetária recessiva que, ao que parece, deverão continuar, pois fazem parte da intenção do governo de manter sob controle os meios de pagamento e o déficit público."